

GT68: Reflexões e práticas sobre a restituição de dados da pesquisa antropológica

Jaqueline Ferreira, Soraya Fleischer

Há uma etapa no trabalho antropológico que, embora traduza aspectos éticos, teóricos, metodológicos, políticos e epistemológicos da disciplina, é pouco relatado pela comunidade acadêmica: "devolver", "restituir", "compartilhar", "entregar", "divulgar", "retornar" os dados. Durante a realização de uma pesquisa ou depois que ela termina, pouco se registra e reflete sobre as estratégias, os desafios e os desdobramentos dos rituais de apresentação de seus resultados. Assim, é pertinente nos questionarmos: Que termo tem sido adotado e quais as implicações de seu uso para a prática de compartilhar resultados? Para quem, em que situação, em que momento e em qual formato isso acontece? De volta ao campo, como é a recepção das interpretações feitas pela Antropologia? Teme-se as reações, sobretudo, mal-entendidos, constrangimentos, distorções, adaptações ou usos políticos inesperados por parte das interlocutoras e outras pessoas implicadas na pesquisa? O silêncio sobre essa etapa de nosso exercício profissional implica estarmos diante de um tabu na Antropologia ou sinaliza outras nuances da área? Esse GT pretende reunir relatos e reflexões a partir de diferentes experiências de devolução de dados e resultados de projetos de pesquisa, docência e extensão na Antropologia e a recepção dos mesmos pelas interlocutoras de pesquisa. O principal objetivo do GT é ampliar e adensar o debate sobre essa etapa de trabalho em nossa área.

"Nem precisa ler o que tá escrito, mas olha as fotos de mãe aí!": notas etnográficas sobre devolução em campo e família

Autoria: Ana Clara Damásio

Com etnografia e trabalho de campo realizados entre minhas parentes-interlocutoras de 2019 à 2022, algumas reflexões acerca de devoluções em campo começaram a emergir. Ao enviar um ensaio visual publicado sobre minha avó Anita (75 anos) para minha mãe Analice (54 anos), essa última pegou o arquivo em que estava contido o ensaio visual publicado e enviou para todas minhas tias no WhatsApp dizendo: "Olha o ensaio da Clara que saiu! Nem precisa ler o que tá escrito, mas olha as fotos de mãe aí!". Como assim minha mãe indicava que não era preciso ler o ensaio, mas sim ver as fotografias? Por que o texto e a imagem estavam tendo impactos diferentes nessa devolução? A partir desse momento passei a considerar como as devoluções em campo que eu fazia circulavam dentro da minha família. Ao mostrar minhas publicações que vinham em forma de dissertação, artigos, ensaio visuais, vídeos e desenhos, diferentes reações eram geradas entre minhas parentes-interlocutoras. Com alguns materiais como dissertação, artigos e desenhos as reações eram poucas, quase não havia reverberação dentro da família. Já as fotografias e vídeos que foram feitos por mim inicialmente enquanto material para a pesquisa, acabaram virando também "fotos de família". As "fotos de família" que estavam dentro de publicações acadêmicas reverberavam de outras formas entre minhas parentes-interlocutoras. Funcionavam como mecanismo de gerar prestígio dentro da família, como lembranças e material para publicações pessoais em redes sociais. Nesse sentido, pretendo com o ensaio aqui posto considerar como diferentes materiais de pesquisas devolvidos em família-campo produzem diferentes efeitos na família (e na pesquisa).

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

